



Duas imagens do Judaísmo brasileiro: O caso de *Pessah: A Travessia* de Carlos Heitor Cony e *Hitler manda lembranças* de Roberto Drummond

Joseph Abraham Levi
University of Hong Kong

A memória onde cresce a história, que por sua vez a alimenta, procura salvar o passado para servir o presente e o futuro. Devemos trabalhar de forma a que a memória colectiva sirva para a libertação e não para a servidão dos homens¹.

Durante os primeiros trezentos anos de expansão e migração para as Américas, a presença judaica no Brasil colonial (1500-1822) foi predominantemente de cunho sefardita, constituída por conversos – também chamados de cristãos-novos, *marranos* ou cripto-judeus – nomeadamente, judeus portugueses ou espanhóis forçados a converterem-se ao Catolicismo.

Mais tarde, ou seja, já na segunda década do século XIX (1822), com a proclamação da independência do Brasil (Império do Brasil) e com o estabelecimento da República Brasileira (1889), os descendentes destes judeus ibéricos forçados a converter-se e, consequentemente, a assimilar-se à cultura católica, encontraram-se finalmente livres de voltar ao seu passado judaico e de declarar, doravante publicamente, a sua identidade israelita sem medo de represálias ou de ser perseguidos quer pela sua associação/escolha religiosa quer pela sua alegada etnia semita, remota ou não.

Durante as primeiras décadas do século XIX a região do Amazonas viu uma onda de imigração sefardita, proveniente principal-

¹ JACQUES LE GOF, in SANDRA PATRÍCIA COSTA, *O Holocausto*, Vila Nova de Gaia, Editora Ausência, 2005.3.



JOSEPH ABRAHAM LEVI

mente das comunidades *diaspóricas* do Magreb e do Levante, quase todas sob a tutela do decadente Império Otomano. Ao mesmo tempo, porém, judeus alsacianos, assim como provenientes do resto da França hodierna, chegaram ao Rio de Janeiro e zonas limítrofes, em breve tempo perdendo quase todos os seus liames com o judaísmo normativo. Durante as últimas duas décadas do século XIX, e as primeiras quatro do século XX, o Brasil veio a ser o receptáculo de uma maciça imigração judaica *ashkenazî*: primeiro da Alemanha (até 1886), depois seguida por um contingente de judeus austríacos e da Europa do Leste, a maioria dos quais optou por fixar-se nas áreas metropolitanas do Rio de Janeiro, de São Paulo e Porto Alegre.

Durante e depois do Holocausto os judeus brasileiros conseguiram pôr de parte as, por vezes, irresolúveis diferenças culturais e de identidade, assim como linguístico-dogmáticas e, conseqüentemente, aliar-se para combater o inimigo comum: o anti-semitismo internacional. O mesmo espírito de sobrevivência impulsionou a união hebraica durante o regime de Vargas (1930-1945) e, quase quatro lustros mais tarde, também sob o regime ditatorial (1964-1988).

Carlos Heitor Cony (1926-)

Se bem que a assimilação sempre tenha sido um factor importante na perda da identidade, em solo judaico assim como na Diáspora – quer por falta de interesse em manter a fé atávica, sobretudo como resultado de casamentos exogâmicos, quer por medo de serem rejeitados pelo resto da sociedade brasileira, sendo esse o caso mais frequente – a consciência cultural judaica sempre permaneceu uma constante na expressão literária de escritores brasileiros com raízes no judaísmo, apesar da sua origem étnico-racial-linguística, como no caso do escritor Carlos Heitor Cony o qual, não obstante a sua proveniência semítica, nunca expressou um interesse particular por manter qualquer tipo de contacto com o Judaísmo.

Terceiro e penúltimo filho de Ernesto Cony Filho e Julieta de Moraes, Cony nascera no Rio de Janeiro a 14 de Março de 1926. O seu avô paterno, Augusto Cândido Xavier, era descendente de judeus não-praticantes franco-marroquinos. A 3 de Março de 1938 Cony ingressara no Seminário Arquidiocesano de São José onde passara sete anos a estudar Humanidades – Latim, Grego e Hebraico (matéria que detestava) – Religião, Filosofia, Lógica, assim como, e por iniciativa própria, algumas das melhores obras de autores brasileiros, britânicos, franceses e portugueses.

Durante os seus últimos dois anos no Seminário Arquidiocesano de São José, Cony escrevera o seu primeiro romance, *Informação ao crucificado*, assim como alguns artigos no jornal local *O Seminário* (1942-1944). Em 1945, Cony entrara na Faculdade Nacional de Filosofia da Universidade do Brasil² onde estudou Literaturas Românicas. Desiludido com o sistema político vigente, no ano seguinte Cony deixara os estudos e, por acaso, descobrira o jornalismo, a sua verdadeira paixão e, conseqüentemente, a sua futura carreira.

Em 1952, Cony começou a trabalhar como redactor na gazeta *Rádio Jornal do Brasil*. Em 1955, Cony publicou a sua autobiografia, *Cadernos do Fundo do Abismo*, seguido pelo seu primeiro romance, *O ventre*, obra fortemente influenciada pelos pensamentos do filósofo e autor francês Jean Paul Sartre. O seu segundo labor literário, *A verdade de cada dia* (1957), juntamente com a sua terceira publicação, o romance *O Tijolo de segurança*, ganharam o prestigioso galardão municipal de literatura, o Prémio António de Almeida (1956, 1957)³. Alguns anos mais tarde, o romance, *Matéria de Memória* (1962), foi escolhido para ser adaptado para o grande ecrã pelo cineasta brasileiro Paulo Gil de Andrade Soares⁴.

Cony também contribuiu com um conto para a colectânea

² Hoje rebaptizada Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).

³ Promovidos pela Prefeitura do Rio de Janeiro.

⁴ Terminado em 1968 por Fernando Cony Campo com o título *Um homem e a sua jaula*.



JOSEPH ABRAHAM LEVI

Os sete pecados capitais, com o texto “Luxúria: Grandeza e decadência de um caçador de rolinhas”⁶. Sem nunca deixar de ser um escritor de profissão, desde 1960 Cony tem colaborado com vários jornais brasileiros, como *O Correio da Manhã* e a prestigiosa *Folha de São Paulo*, da qual é colunista diário. Em Março de 2000, Cony foi final e meritariamente eleito para a Academia Brasileira de Letras.

Pessach: a travessia

Não obstante o seu desinteresse pelas práticas religiosas judaicas, a escrita de Cony evidencia vestígios de uma consciência cultural da história assim como das várias etnias cambiantes do Povo de Israel espalhado por este mundo fora, como no caso do Brasil.

Cony entrou oficialmente na arena da questão judaica com *Pessach: a travessia*. Neste romance semi-autobiográfico, Cony une o seu interesse pelo Judaísmo com as temáticas universais da justiça política e social. *Pessach: a travessia* é um romance semi-autobiográfico sobretudo devido ao facto da sua semelhança com a vida pessoal de Cony. Paulo Simões, o protagonista, também ele escritor, é um quarentão a viver no Brasil do período ditatorial onde a falta da liberdade de expressão é muito sentida.

Além da ditadura, também a religião e a família são vistas como entidades opressoras. Cony de facto denuncia: “a família, a religião, a sociedade, o governo, a ditadura, o capitalismo, o imperialismo, todos esses males” (253).

Assim como Paulo Simões, talvez Cony tivesse intenção de explorar as suas raízes judaicas, obviamente sob o ponto de vista secular e racial/étnico, para depois determinar se a sua herança cultural o pudesse ajudar na completa compreensão do seu lugar “étni-

⁶ JOÃO GUIMARÃES ROSA, CARLOS HEITOR CONY, OTTO LARA RESENDE, LYGIA FAGUNDES TELLES, JOSÉ CONDÉ, GUILHERME FIGUEIREDO E MÁRIO DONATO, *Os sete pecados capitais*, 1964, Bertrand Editora, 2000.



co/racial”, assim como da sua posição cultural no seio da sociedade brasileira: “É possível que eu tenha sangue judaico, diluído em algum lugar [...] mas não sou judeu [...] Está bem, vamos admitir que somos judeus, no sentido racial” (7, 79).

O uso erróneo da palavra “racial” aplicado aos judeus não é característico de Cony: de facto tal terminologia é usada por muitos mexicanos assim como centro e sul-americanos, judeus e não. Séculos de miscigenação racial e étnica fizeram de maneira que a distinção entre “racial” e “étnico” fosse só uma escolha/preferência semântica do falante a viver no espaço hispano-luso-americano em vez de ser uma caracterização acurada do grupo judaico em questão a viver em terras americanas.

Diferentemente de muitos judeus brasileiros do século XX, as origens judaicas de Cony remontam às primeiras duas décadas do século XIX. Isto poderia explicar o sentimento de distância de Cony para com o Judaísmo. A assimilação à sociedade brasileira havia sido completa, tornando-se numa realidade irrefutável, desejada ou até necessária, já a partir do fim do século XIX, ou seja, em pleno *fin du siècle*.

Em *Pessach: a travessia*, o pai de Paulo Simões relembra, com grande amargura, a sua renúncia de tudo aquilo que fosse hebreu, o seu desprezo pela sua origem cripto-judaica, assim como a completa assimilação do pai ao novo ambiente encontrado no Novo Mundo luso-brasileiro: “Foi um erro, meu filho [...] vejo que fiz um erro [...] alguns anos atrás disse a mesma coisa ao teu avô [...] um judeu assimilado” o qual “também decidiu de não ser judeu” (79, 81).

A distância no tempo de Paulo Simões/Cony às suas raízes judaicas – com cerca de cem anos de presença em solo brasileiro – é quase certamente responsável por este sentimento de separação daquilo que poderia ser percebido como a “identidade judaica”. Tendo origens franco-marroquinas e sendo descendente de judeus não-praticantes há muito tempo secularizados, a família de Cony teve uma maior facilidade em adaptar-se e, conseqüentemente, assi-

JOSEPH ABRAHAM LEVI

milar-se ao Brasil do que qualquer outro grupo *ashquenazi*, sobretudo se este último tiver origens na Europa do Leste. A língua portuguesa e a cultura brasileira, se bem que diferentes, eram, por motivos linguísticos, históricos e culturais mais fáceis de compreender e assimilar para povos mediterrâneos do que quaisquer grupos judaicos *ashquenazis*, os quais resistiram e recusavam veemente a assimilação ao novo país e à língua, pelo menos no início. O que resta, então, é o aspecto social/étnico do judaísmo que poderia ter despertado o interesse de Cony. Talvez o pai de Paulo Simões esteja a preanunciar as intenções, as preocupações e os dilemas interiores do próprio Cony quando declara publicamente a sua intenção de assumir a sua identidade judaica.

O ano em que *Pessach: a travessia* foi publicado (1962) marcou a presidência/ditadura do General Artur da Costa e Silva (1967-1969) e a criação de uma nova Constituição, a qual intensificou o poder autoritário do Presidente. Quanto ao autor judeu brasileiro Cony, o ano de 1962 marcou a redescoberta das suas raízes seculares judaicas e, ao mesmo tempo, dado o período histórico do momento, chamou-lhe à atenção o perigo do possível genocídio do seu Povo a viver no recém-nascido Estado de Israel em consequência da Guerra dos Seis Dias (5-10 de Junho de 1967).

Em outras palavras, Cony estava pronto para metaforicamente “atravessar o Mar Vermelho” (139) e, conseqüentemente, fazer de maneira que a sua *brasileiridade* se unisse com a sua recém-adquirida/conquistada herança cultural judaica.

Apesar de o romance ser uma óbvia denúncia do Nazismo e da ditadura brasileira, em *Pessach: a travessia* não existem directas referências a tais fenómenos históricos. Dado que a obra foi escrita durante a ditadura, qualquer alusão directa ao regime autoritário brasileiro teria tido duras conseqüências⁶.

⁶ Aliás Cony foi encarcerado por bem seis vezes, todas por motivos políticos, mas não por ter publicado *Pessach: a travessia*.

No romance o Fascismo e o Nazismo encontram-se obviamente relacionados entre si e, portanto, são alvos de fortes discussões por parte das personagens. Todavia, não existe nenhuma alusão directa ao regime vigente no Brasil. Ambas as ideologias são consideradas como inimigas eternas do homem e, enquanto tais, não se encontram confinadas a uma nacionalidade ou a um determinado grupo em questão: “o Nazismo foi algo de transitório, durou pouco, menos de vinte anos; isto não é nada para um povo que, desde os Egípcios, desde os Assírios, tem encontrado o seu carrasco no seu próprio bairro, incluindo o amigo de ontem à noite?” (78).

Talvez com esta citação Cony e Simões estejam a aludir ao facto de que a sua antiga rejeição da sua própria “identidade judaica” foi influenciada pelo anti-semitismo brasileiro. Sendo razoavelmente jovem e, conseqüentemente, ainda não estando ao corrente da situação política ao seu redor, Paulo Simões não pensa que os judeus a viver no Brasil e no resto da América Latina se encontrem em qualquer tipo de risco. Apesar de reconhecer a existência de um governo fascista, Paulo Simões está convencido de que o seu Brasil possa continuar a oferecer aquilo que sempre ofereceu no passado: segurança para todas as pessoas que optem por se transplantarem para terras brasileiras, incluindo os judeus. Contudo, o seu pai também tem a consciência de que as pessoas, devido à situação, são primeiramente levadas pela histeria e pelo medo, para depois irem à procura de um bode expiatório. Ora, se a isto juntarmos o papel dos meios de comunicação, obviamente instigados pelo regime ditatorial, poderia assim surgir um novo tipo de Holocausto, ou seja, mais uma forma de Nazismo. Contudo:

[...] quando o governo, através de propaganda maciça, começa a dizer que os judeus são responsáveis pelo alto custo de vida, que os judeus são responsáveis pela fome e pela morte no nordeste – então as coisas mudam. Nós fomos já acusados pela chuva e pela seca. A História repete-se, quer como uma tragédia quer como uma farsa. Para os judeus nunca é uma farsa: é sempre uma tragédia (82).



JOSEPH ABRAHAM LEVI

O romance é narrado na primeira pessoa, por Paulo Simões – o apelido sendo um anagrama de Moisés, todavia o seu nome completo era Paulo Simon Gorberg, de origem judaica alemã/polaca.

A história encontra-se dividida em duas partes: *Pessach (a Passagem por Cima)* – tradução literal do Hebraico – e *A Travessia*. A primeira parte gira em torno de Paulo Simões, da sua vida e do seu manuscrito *Pessah*, a preanunciar eventos epifânicos; a segunda parte, ao invés, é o retrato da gradual mudança de Paulo Simões, o seu “passar por cima”, nomeadamente, o seu passar de um estado de completa indiferença para com a “questão judaica” a um em que ele esteja completamente consciente da sua escolha política e, consequentemente, da sua identidade étnica.

O romance encontra-se repleto de alusões à sua futura travessia, à sua dupla passagem e aceitação das suas raízes judaicas, assim como do seu papel na sociedade brasileira enquanto cidadão politicamente responsável, capaz de enfrentar o Mal (a ditadura) e de frontar as consequências.

De um simples símbolo de neutralidade, um simples “passar por cima”, *Pessach* transforma-se, assim, numa participação real e directa. Eventos políticos do momento fazem com que Paulo Simões “passe por cima”. Ele sente que deve agir: “Meu pai teria orgulho em saber que o antigo plano não foi abandonado, está aqui, ao meu lado, como uma oferta, talvez mais do que isto, como uma imposição” (159). O pai de Paulo Simões, assim como o seu avô, antes dele, já tiveram uma epifania deste tipo, a qual influenciou a sua final e pública aceitação da sua herança judaica: “se houvesse uma perseguição [no Brasil]. Então, faria questão de ir pelas ruas com uma estrela de David nos ombros” (81). Agora chegou a vez do seu filho, Paulo, para finalmente saber quem é e viver as consequências da sua escolha.

Capturado pelos rebeldes, muitos dos quais foram também vítimas do regime ditatorial, Paulo Simões finalmente compreende as razões pelas quais eles querem derrotar o Governo. Além de assu-



mir-se politicamente, Paulo Simões tem de tomar algumas decisões pessoais, em particular, tem de resolver o problema da sua identidade judaica a qual afinal aceita quando se torna no único sobrevivente deste movimento clandestino itinerante cujo alvo principal era derrotar o sistema.

Paulo Simões é o único membro do grupo de rebeldes que consegue atravessar a fronteira com o Uruguai, entrando assim em território livre. Agora que se encontra livre do jugo da ditadura, a sua “passagem por cima” é também uma epifania: como o seu nome sugere/preanuncia, Paulo Simões torna-se agora em um novo Moisés. Imbuído com a sua recém-encontrada coragem e identidade étnica, Paulo Simões decide voltar ao Brasil: “Possam cada um de nós ser como Moisés, possa ele atravessar o rio e, mais tarde, quando ele puder, voltar a combater. Afinal, também Moisés fugiu. A coisa importante é voltar para trás, depois” (288).

Apesar de as atrocidades do Holocausto serem transpostas para a sociedade brasileira do seu tempo, este romance pode ser incorporado dentro dos parâmetros que constituem o vasto conjunto da literatura da Diáspora judaica pós-Holocausto. As vicissitudes sofridas pelas personagens e as suas escolhas pessoais fizeram de maneira que a personagem principal optasse pela sobrevivência dos valores judaicos, mesmo se isto implicasse a perda da sua própria vida.

Em consequência do interesse e da participação de Cony nos eventos políticos do seu tempo, *Pessach: a travessia* deve ser lida/interpretada através de uma dupla lente: como uma insurreição política contra qualquer tipo de opressão – neste caso a ditadura – assim como uma epifania pessoal, na qual a identidade judaica da personagem principal nasce no momento em que Paulo Simões atravessa a fronteira, aliás, duas vezes, (ultra)passando as barreiras espirituais/étnicas assim como aquelas físicas/políticas. O Brasil e o Uruguai são para o Paulo Simões o seu Êxodo pessoal: liberdade do cativo e libertação do medo de enfrentar as consequências do Mal. O título é, portanto, instrumental para compreender os confli-



JOSEPH ABRAHAM LEVI

tos exteriores (políticos) e interiores (identidade étnico-religiosa) da personagem principal e, talvez, do mesmo Cony. O “passar por cima” é, ao mesmo tempo, um Êxodo e uma espécie de dupla travessia: “Sinto uma estranha felicidade ao abandonar a travessia e volto à margem” (301).

O romance dentro do romance, este último escrito por Paulo Simões, é a chave para compreender esta dupla epifania. Este livro dentro do livro chamado *Pessach* reflecte o fascínio de Paulo Simões pelo Êxodo e o Povo escravizado, desta vez libertado por Moisés. O “episódio do Êxodo, cujos vestígios sociais, políticos e religiosos são óbvios, nasceu de uma motivação estritamente pessoal [...] uma causa existencial” (204). O sentimento de liberdade fez com que Moisés reagisse com um impulso existencial ao assistir a um injusto açoitamento de um escravo judeu.

Assim como Moisés, também Paulo Simões chegou ao limite da sua paciência, estando agora pronto para libertar o seu Povo, os Judeus, os Brasileiros ou ambos, dado que: “a motivação pessoal abriu o caminho para a motivação social” (204).

O êxodo político é portanto necessário para a “epifania” da alma judaica de Paulo Simões. As atrocidades da ditadura, a tortura e castração, assim como as monstruosidades executadas pelo Holocausto, serão conquistadas pela determinação, pela rejeição do silêncio e da indiferença, assim como, e mormente, pela acção para que as futuras gerações de judeu-brasileiros nunca se esqueçam dos sofrimentos do seu Povo.

A importância de Cony no campo da literatura pós-Holocausto deveria portanto ser analisada à luz dos acontecimentos políticos do seu tempo. A reacção e a contribuição de Cony para a compreensão de fenómenos históricos, como o do genocídio e das ditaduras, encontram-se assim incluídas nas suas representações das “epifanias” das suas personagens as quais, através de uma epifania pessoal, “atravessam a fronteira” e (re)adquirem a sua identidade judaica. Diferentemente do seu avô e do seu pai, ambos cripto-judeus



até quase ao fim das suas vidas, o quarentão Paulo Simões final e publicamente decide assumir a sua identidade judaica, sem medo de represálias, assim como não tem medo de possíveis repercussões quando volta ao Brasil, onde poderia ser preso por se ter associado aos revolucionários.

Entre os numerosos estudiosos que examinaram os liames de Cony com o Judaísmo e a arena política brasileira, Nancy T. Baden, Paulo Francis, Heitor Martins, Cohn W. Parker, Daphne Patai e Nelson H. Vieira são aqueles que ofereceram uma análise mais exaustiva da “travessia” do autor. Baden, por exemplo, põe ênfase no simbolismo de Cony ao representar a mudança pessoal e gradual da personagem principal, assim como na sua completa dedicação aos ideais sociopolíticos. Além disso, Baden evidenciou a gradual “awareness and acceptance of himself as a Jew”, assim como o seu papel principal de autor durante a ditadura: Cony/Paulo Simões “the writer feels it his role to continue to pique the reader’s consciousness and provide alternative opinions – despite the confines of censorship” (Baden, 115, 116). Para Patai, ao invés, analisando a metáfora/o mito do Êxodo como chave/entrada para a Terra Prometida, Cony conseguiu transformar “a static image into a dynamic one: the idea of a promised land is replaced by an image of human action and determination in ever new conditions” (Patai, 162). Vieira aceita esta interpretação porém acrescentando a importância do papel decisivo do indivíduo e da sua etnia enquanto modelos cívicos. Neste caso, a experiência judaica, étnica ou secular, “is offered up as an example from which Brazilians on the whole can learn” (Vieira, “Judaic Fiction in Brazil”, 35-36).

Talvez esta multiplicidade de abordagens tenha mais valor se tomarmos em consideração o facto de que, além de uma “travessia” também estivéssemos a assistir a uma outra epifania, ao nascimento de um novo Prometeu brasileiro, um Prometeu orgulhoso das suas raízes judaicas, custe o que custar: “estou no vértice do enorme triângulo irregular que é a promessa de um povo, uma missão de



JOSEPH ABRAHAM LEVI

um homem” (301). O povo é o Povo Israelita/Brasileiro. O homem é Moisés/Paulo Simões/Cony: “A noite do Êxodo, quando os Judeus comeram os ázimos, o [...] povo [de Israel] partiu para o próprio destino. Enquanto pessoas – em termos gerais – aquela noite também foi uma noite especial, apesar de, muito mais tarde, se tornar na semente da grande coisa social e política” (204-205).

Roberto Drummond (1923-2002)

Roberto Drummond, pseudónimo de Roberto Francis, filho de Francisco Alvarenga Drummond e Ricarda de Paiva, nasceu a 21 de Dezembro de 1933 em Minas Gerais. Com treze anos – influenciado por Giuseppe Ghiaroni, Eurico Silva e Otávio Augusto Vampre (particularmente as suas rádio-novelas) – Drummond começou a escrever pequenos contos e crónicas para a estação radiofónica *Rádio Nacional*. Em 1957, Drummond começou a escrever reportagens para o diário de Belo Horizonte, a *Folha de Minas*, prosseguindo mais tarde para o *Binómio*, um semanário muito controverso devido aos seus ideais de esquerda. Em 1963, Drummond assumiu o cargo de director da revista *Alterosa*. Aquando do golpe de estado de 1964, e o conseqüente estabelecimento da ditadura, Drummond encontrava-se no Rio de Janeiro a trabalhar para o *Jornal do Brasil*. No ano seguinte Drummond voltou a Belo Horizonte onde começou a trabalhar a regime de *freelance*. No início do século XXI Drummond era colunista para os dois diários de Belo Horizonte, *Hoje em Dia* e o *Estado de Minas*.

Em 1975, Drummond publicou a sua primeira colectânea de histórias, *A morte de D.J. em Paris*, também considerado como o seu início na “literatura pop”, a qual, juntamente com *A outra margem* e *Isabel numa 5.ª feira*, ganhou o primeiro lugar no *IV Concurso Nacional de Contos do Paraná*, assim como o *Prémio Jabuti*, galardão oferecido pela Câmara Brasileira do Livro a novos autores brasileiros. A 21 de



Junho de 2002, Roberto Drummond faleceu em São Paulo em consequência de um ataque cardíaco.

Roberto Drummond não tinha nenhum liame com o Judaísmo. A sua proximidade aos assuntos judaicos provinham do seu interesse pela liberdade contra qualquer tipo de opressão, particularmente o Nazismo e a ditadura brasileira. Os ideais socialistas de Drummond – uma constante em toda a sua produção literária e, consequentemente, causa de algumas controvérsias ocasionais –, juntamente com o seu desejo de explorar o aspecto popular da sociedade brasileira, são portanto responsáveis por esta atenção particular aos assuntos judaicos, como no caso do Holocausto e das suas repercussões no Brasil. O Mal, especialmente as suas causas e efeitos nos seres humanos, são objectos do seu estudo e análise. É exactamente neste contexto que a sua única obra sobre o Holocausto – assim como as experiências e as repercussões desta tragédia nos seres humanos, particularmente em solo brasileiro – deve ser colocada e analisada.

Hitler manda lembranças

Neste trabalho dedicado aos sobreviventes do Holocausto refugiados/residentes no Brasil, Drummond amalgama folclore local, cultura popular, magia e o noto sincretismo religioso brasileiro para assim representar o Mal do genocídio dos judeus em terras brasileiras. Apesar de ser uma obra de ficção, os acontecimentos históricos são todos documentados. O Holocausto entra no romance gradualmente: primeiramente através de genéricas e pequenas referências a Adolf Hitler e Josef Mengele, aos campos de concentração de Auschwitz e Buchenwald, aos Nazis e, por fim, através de experiências pessoais e pesadelos.

As emoções das personagens de Drummond passam pelo *flash-back* ocasional à dor constante suscitada pela memória, pelo simples facto de recordar-se das atrocidades do Holocausto, incluindo as



JOSEPH ABRAHAM LEVI

soluções pessoais para assim superar tais traumas e, conseqüentemente, sobreviver e adaptar-se à vida depois do Holocausto.

Exemplos elucidativos da realidade histórica do romance são as referências a Berlim, à criação do gueto de Varsóvia, aos inúmeros detalhes da vida nos campos de concentração, as alusões a Rosa Luxemburg (1870/71?-1919) e Olga Gutmann Benário Prestes (1908-1942)⁷ e os excertos desconcertantes dos diários dos prisioneiros nos vários campos de concentração, todos a comprovar a evocação realística do Mal do Holocausto em *Hitler manda lembranças*. As muitas alusões ao gueto de Varsóvia e à vida nos campos de concentração encontram-se misturadas com vívidos depoimentos pessoais, específicos destes momentos.

Usando como trampolim o caos – óbvia alusão à situação política brasileira do momento, assim como ao desassossego sociocultural/ético-moral causado pelo Holocausto – uma vasta galeria de personagens, eternamente à espera de um novo evento, move-se freneticamente, com alguns momentos ocasionais de felicidade, indo em direção do inesperado e do desconhecido, quase sempre com conseqüências negativas.

A vida pode mudar para o melhor ou absolutamente nada pode acontecer (Stroun, 197). O certo e o sabido é o facto de que o Mal é omnipresente, capaz de assumir qualquer forma humana, de Hitler e Mengele ao “Dictator with blue eyes as the myosotis” – implicando que os olhos azuis, por causa da sua raridade, são difíceis de esquecer – à censura, a qual acabou por silenciar o Brasil (Stroun, 56).

Hitler manda lembranças encontra-se dividido, alternativamente, em sete ringues e seis intervalos, relembrando, assim, um encontro

⁷ Olga Gutmann Benário Prestes era uma judia alemã e militante comunista, casada em segundas núpcias com o brasileiro Luís Carlos Prestes. Em 1935 foi deportada pelo regime de Vargas para a Alemanha. Depois de estadias em Barnimstrasse (infame prisão de mulheres da Gestapo, onde deu à luz a uma filha, Anita Leocádia), Litchenburg e Ravensbrück, Olga Prestes morreu nas câmaras de gás do campo de extermínio de Bernburg.



de boxe. Paulo Franz, o narrador de origem alemã, lembra-se dos acontecimentos que decorreram entre 15 de Outubro – o dia em que descobriu que 417 dos 4,813 empregados de uma companhia multinacional americana imaginária, a *Brazil Corporation*, seriam em breve despedidos – e 21 de Dezembro de 1983.

Adão Cohen, a personagem principal, o qual estará entre aqueles que irão ser despedidos, é um antigo prisioneiro dos campos de concentração de Auschwitz e Buchenwald: “Ao entrar em Auschwitz, o seu braço foi tatuado com o número 184.467” (15). Obviamente o Holocausto tirou a vida a muitos dos seus amigos e familiares: o seu irmão foi morto a tiro em Buchenwald; a sua irmã morreu em Ravensbrück; a sua amada morreu nas câmaras de gás de Auschwitz; e o seu melhor amigo foi castrado como parte de uma experiência médica.

Cohen – preso pela obsessão de capturar o Anjo da Morte de Auschwitz, Josef Mengele que, após 1945 fora visto em muitas partes da América Latina – está convencido de ser perseguido por um antigo agente das SS ou por um oficial de Auschwitz. O imaginário e o real, a alucinação ocasional e o pesadelo recorrente fazem de maneira que Hitler, Mengele, a Gestapo e o Nazismo se transformem em realidade, pelo menos na mente daqueles que padeceram as atrocidades nazis. Em mais do que uma ocasião, Hitler e Mengele aparecem, de facto, como fantasmas a perturbar a vida de algumas das personagens da obra, como no caso da Tia Miriam, a qual “viu Hitler no seu restaurante pedindo um suco de limão” (37). Stela, uma sobrevivente judeu-polaca a representar “a dor do mundo” (21), personifica a mensagem do romance quando afirma que Hitler está vivo e que ele simplesmente usa outros nomes e disfarces.

Os muitos episódios que tratam da vida nos campos de concentração, quer revividos como pesadelos, quer introduzidos na cena como eventos verídicos, são uma porta para a compreensão da dor do período pós-bélico rememorada pelo(s) narrador(es), ou através



JOSEPH ABRAHAM LEVI

dos muitos flashback e das memórias de eventos particulares que ocorreram antes ou durante a sua captura.

Conseqüentemente, todas as noites a Tia Miriam fechava as janelas de casa. O seu pesadelo constante era a Gestapo que vinha prendê-la e levá-la para Ravensbrück. O grito da Tia Miriam na noite é “a sua memória” (48). Uma carta escrita oito anos depois dos eventos por uma mulher, na qual relatava as atrocidades de Ravensbrück, assim como a humilhação que sentiu quando foi presa, despida e espancada numa das praças de Ravensbrück, exprime a angústia da evocação desses episódios e, conseqüentemente, a urgência de compartilhá-los com os outros.

Assim como muitos dos sobreviventes do Holocausto espalhados por este mundo fora, os da obra de Drummond sofrem daquilo que geralmente é denominada a “síndrome do sobrevivente”. As personagens judaicas de Drummond sentem a dor do sobrevivente: “Muitas vezes Cohen sentia um incurável sentimento de culpa, por estar vivo enquanto que a sua família inteira e a mulher que amava se encontravam mortos” (16). Para honrar os defuntos, Cohen infligia dor ao seu corpo: “Cohen caminhava com uma agulha no colar do seu casaco. Quando se sentia feliz picava um dedo da mão direita e deixava o sangue derramar. Mais do que uma penitência para o pecado de se encontrar vivo, era uma homenagem aos seus mortos” (16).

Também Stela se sente culpada por estar viva, por ter sobrevivido ao Holocausto, mas expressa a sua culpa de uma maneira diferente. Durante o dia, sente-se resignada e passiva: “Hitler está vivo. Dentro de mim, Hitler está vivo, porque fez tudo aquilo de mal que me aconteceu” (48). À noite, ao invés, Stela sonha com a sua auto-destruição ou, através do fenômeno da auto-identificação, sonha com Berlim a arder em chamas: “cada noite sonho de ser um edifício em chamas [...] desejava que Berlim pegasse fogo [...] deve ser assim” (49). O fogo poderia ter acabado com o sofrimento de Stela; contudo, teria destruído a sua amada cidade.



Entre todas as incertezas, os sobreviventes de Drummond só conhecem uma realidade: eles não podem esquecer e nunca se deveriam esquecer do Holocausto, aconteça o que acontecer: “Algumas coisas nunca podem ser esquecidas, não nos podemos anestésias” (48). Algumas pessoas conseguem lembrar-se mantendo o seu contacto com a realidade.

Por exemplo, no fim do romance Cohen recebe uma carta da Alemanha. Em vez de uma carta da sua amada, o envelope continha uma fotografia a cores de Hitler com a seguinte inscrição: “Com os melhores cumprimentos, um abraço de Adolf Hitler” (427). Esta mensagem, enviada pelo Grupo dos Amigos de Hitler, sugere que, apesar do advento da democracia na antiga Alemanha Ocidental (1945) e no Brasil (1983), o Mal continua a existir. Superado o primeiro sentimento de pânico ao receber tal notícia, Cohen lembra-se que nunca se deveria esquecer daquilo que acontecera e que, consequentemente, deve ser feliz. Rasga a fotografia e lembra-se de que a sua amada, Eva, é “imortal e que nem Hitler pode matar a sua memória” (427).

A interpretação de Drummond do Holocausto – quanto a atrocidades, análoga à ditadura brasileira – enquadra-se no contexto da literatura brasileira sobre o genocídio do Povo de Israel. A realidade brasileira encontra-se entrelaçada com o dilema e o trauma do Holocausto. Em outras palavras, é necessário que os sobreviventes do Grande Extermínio a viverem no Brasil saibam expressar a sua frustração e que, a título de testemunho, compartilhem a sua dor com os seus conterrâneos brasileiros. Em consequências do facto de alguns nazis se terem refugiado/escondido no Brasil, o dever dos sobreviventes do Holocausto seria, portanto, aquele de “nunca sentir vergonha” de ser judeus, mas antes, de lembrar-se aquilo que acontecera, de ser testemunhas oculares, sobretudo no Brasil onde “Liberdade, Justiça, Irmandade, Compaixão Humana, Amor [e um] Sonho rebelde” reinam/reinaram sublimes (42).

Segundo Luís Fernando Emediato, o método narrativo de



JOSEPH ABRAHAM LEVI

Drummond é enriquecido não só pela gravidade do assunto mas também pelo uso do «stream of consciousness», pela inclusão de poesia, pela inserção de excertos de diários pessoais e, mormente, pela sensação que o leitor tem ao ler uma história completa, do início até quase ao fim. Apesar de a história se encontrar subdividida em muitas sub-histórias, este tipo de narração fragmentada, de facto, ajuda o leitor a compreender os eventos históricos, a reconhecer e, obviamente, a combater o Mal. A história não tem um fim/ /uma conclusão típica porque o fim é o presente, é uma acção revigorada e livre da memória do passado.

Hitler manda lembranças é uma importante contribuição no campo das letras brasileiras; além disso, também temos de sublinhar que esta obra é de facto uma resposta dinâmica e positiva ao genocídio nazi, uma solução que entra nos parâmetros de todas as literaturas pós-Holocausto com um enfoque particular nos sobreviventes.

O romance representa a opressão associada a Hitler e ao Nazismo; ao mesmo tempo, porém, retrata características e aspectos socioculturais peculiares da cultura e da realidade brasileiras, a reflectir uma consciência nacional colectiva, unida contra a opressão, que escolhe a Liberdade a qualquer tipo de ditadura e/ou abuso físico/mental. A “reality of authoritarianism” brasileiro, juntamente com os eventos do Holocausto e as suas consequências históricas, fornecem “the ready-made symbols and metaphors for a disquieting, absurd, and often irrational evil” (Vieira, “Hitler and Mengele in Brazil”, 429). O desejo humano de lembrar e a necessidade de contar aquilo que tem acontecido, assim como a determinação de continuar a viver, são portanto o melhor legado humano que os sobreviventes do Holocausto poderiam deixar à nova geração de judeus nascida na Diáspora, incluindo, como neste caso, o Brasil.

A recepção crítica da obra de Drummond tem sido excepcionalmente favorável, incluindo a crítica literária judaica, no Brasil assim como no resto do mundo. Nelson Vieira, por exemplo, considera as invectivas de Drummond contra a opressão como se fossem



um “sociopolitical commentary on the effects of Brazil’s former authoritarian regime” (Vieira, “Hitler and Mengele in Brazil”, 429). Drummond conseguiu transformar os infames ícones do Mal – Hitler e Mengele, assim como o Nazismo – em “blatant pop metaphors for the rampant evil in today’s world”, particularmente no Brasil. (Vieira, “Hitler and Mengele in Brazil”, 429).

Da mesma opinião é um outro crítico literário norte-americano Robert DiAntonio o qual vê estas “pop fantasies” como um truque ficcional capaz de patentear “the nature of evil in the post-Holocaust years” (DiAntonio, 878). Drummond quer que o leitor reflita sobre as consequências do Mal em vez de se concentrar nos meros símbolos do Mal que nos últimos anos se tem enormemente trivializado chegando a não dar muito valor à vida e às emoções humanas. O talento de Drummond encontra-se, portanto, em explorar o genocídio nazi, a tortura e o mero sadismo, de um lado, e o facto de ter feito com que assuntos como a repressão e a subjugação de seres humanos fossem mais acessíveis ao grande público. Vieira, de facto, pondera: “With this novel, Drummond confirmed his artistic inventiveness as a sophisticated writer” (Vieira, “‘Closing the Gap’ Between High and Low”, 116).

Os críticos brasileiros têm chamado a(s) obra(s) de Drummond “pop” ou “underground”, intermitentemente, como sinónimos de popular e provocatório. Apesar de ser facilmente reconhecível, a mensagem de Drummond é contra qualquer tipo de autoritarismo. A literatura “pop” ou “underground”, como no caso de *Hitler manda lembranças*, é, para Drummond, um veículo através do qual o escritor/leitor pode desabafar as suas frustrações sociais e ideológicas contra as muitas faces do Mal, a maioria das vezes associado com um dado partido político ou com uma dada administração política. Em aproximar/comparar o Holocausto à ditadura brasileira, Drummond está de facto a dizer que “any authoritarian regime must be fought via knowledge and resistance” (Vieira, “Hitler and Mengele in Brazil”, 437).

JOSEPH ABRAHAM LEVI

CONY

Bibliografia do autor

Romances

- O ventre* (1958)
A verdade de cada dia (1959)
Tijolo de segurança (1960)
Informação ao crucificado (1961)
Matéria de memória (1962)
Antes, o verão (1964)
Balé branco (1965)
Pessach: a travessia (1967)
Pilatos (1973)
Quase memória (1995)
O piano e a orquestra (1996)
A casa do poeta trágico (1997)
Romance sem palavras (1999)
O indigitado (2001)
A tarde da tua ausência (2003)

Crónicas

- Da arte de falar mal* (1963)
O ato e o fato (1964)
Posto Seis (1965)
Os anos mais antigos do passado (1998)
O Harém das Bananeiras (1999).
O tudo ou o nada (2004)

Contos

- Sobre todas as coisas* (1968), reeditado sob o título *Babilônia! Babilônia!*, em 1978.
O burguês e o crime e outros contos (1997), selecção de contos publicados em *Babilônia! Babilônia!*.

Ensaio Biográficos

Charles Chaplin (1967)

Quem matou Vargas? (1972)

JK - Memorial do exílio (1982)

Quem matou Vargas - 1954 - Uma tragédia brasileira (2004).

Reportagens

O caso Lou – Assim é se lhe parece (1975)

Nos passos de João de Deus (1981)

Lagoa (1996).

Infanto-juvenis

Quinze anos (1965)

Uma história de amor (1978)

Rosa, vegetal de sangue (1979)

O irmão que tu me deste (1979)

A gorda e a volta por cima (1986)

Luciana saudade (1989)

O laço cor-de-rosa (2002)

Cine-romance

A noite do massacre (1975)

Entrevistas

ANTÔNIO, JOÃO, “Inquérito: o romance urbano”, *Revista Civilização Brasileira* 7 (1966), 190-200.

Fontes secundárias sobre o autor

BADEN, NANCY T, “The Brazilian Revolution of 1964 as Depicted in Selected Novels of Antônio Callado and Carlos Heitor

JOSEPH ABRAHAM LEVI

- Cony”, in *Proceedings [of the] Pacific Northwest Council on Foreign Languages, Twenty-Seventh Annual Meeting, April 22-24, 1976*. Ed. David P. Benseler. 27 Part I, Foreign Languages. Corvallis: Oregon State U, 1976.
- , “Cony, Carlos Heitor”, in *A Dictionary of Contemporary Brazilian Authors*. Eds. David Foster e Roberto Reis. Tempe: Center for Latin American Studies, Arizona State U, 1981.
- FRANCIS, PAULO, “A travessia de Cony”, *Revista Civilização Brasileira* 3.13 (1967), 179-183.
- IGEL, REGINA, “La inmigración judía en la ficción de Brasil”, *Judaica Latinoamericana. Estudios Históricos-Sociales II* (1993), 265-274.
- LOCKHART, DARRELL B, “Introduction”, in *Jewish Writers of Latin America. A Dictionary*, Ed. Darrell B. Lockhart. Nova Iorque: Garland, 1997.
- MARTINS, HEITOR, “*Quarup e Pessab*”. *Minas Gerais (Suplemento Literário)* (25 de Maio/ 1 de Junho, 1968), 4-5.
- PARKER, JOHN M, “The Novels of Carlos Heitor Cony”, *Luso-Brazilian Review* 10.2 (1973), 163-186.
- , “Rumbos de la novela brasileña contemporánea: 1950-1970”, *Revista de Cultura Brasileña* 38.12 (1974), 5-28.
- PATAI, DAPHNE, “Carlos Heitor Cony: Moses as Everyman”, in *Myth and Ideologies in Contemporary Fiction*, Rutherford: Fairleigh Dickinson UP, 1983.
- VIEIRA, NELSON H, “Jewish Resistance and Resurgence as Literary Symbols and Metaphors for Brazilian Society and Politics”, in *Proceedings of the Ninth World Congress of Jewish Studies, Jerusalem, August 4-12, 1985*, Division B, vol. 3. *The History of the Jewish People (The Modern Times)*, Jerusalém: World Union of Jewish Studies, 1986.
- , “Judaic Fiction in Brazil: To Be or Not to Be Jewish”, *Latin American Literary Review* 14 (Julho-Dezembro, 1986), 31-45.
- , “Post-Holocaust Literature in Brazil: Jewish Resistance and Resurgence as Literary Metaphors for Brazilian Society and Politics”, *Modern Language Studies* 16.1 (1986), 62-70.

ROBERTO DRUMMOND

Bibliografia do autor

- “Ignácio de Loyola, ou quando um santo de casa não faz milagre”
(1974)
- A morte de D.J. em Paris (1975)
- “Isabel numa 5.^a feira”, in *Os melhores contos brasileiros de 1974* (1975)
- A outra margem* (1975)
- “Vicissitudes vividas por um certo James Joyce” (1975).
- O dia em que Ernest Hemingway morreu crucificado* (1978)
- “Respostas à TFP literária” (1978)
- Sangue de Coca-Cola* (1980)
- Hitler manda lembranças* (1985)
- Ontem à noite era sexta-feira* (1988)
- Hilda furacão* (1991)
- Inês é morta* (1993)
- O Cheiro de Deus* (2001)

Fontes secundárias sobre o autor

- BARBOSA FILHO, HILDEBRANDO, “Uma narrativa do medo”, *Minas Gerais, Suplemento Literário* (21 de Janeiro de 1986), 10.
- BULHÕES, ANTÓNIO, ed. *Os melhores contos brasileiros de 1974*, Porto Alegre: Editora Globo, 1975.
- DIANTONIO ROBERT, “Redemption and Rebirth on a Safe Shore: The Holocaust in Contemporary Brazilian Fiction”, *Hispania* 74(4), 876-882.
- EMEDIATO, LUÍS FERNANDO, “Roberto Drummond, desarmando os detratores”, *Jornal da Tarde* (22 de Janeiro de 1985), 5.
- FOSTER, DAVID e ROBERTO REIS, eds. “Drummond, Roberto”, in *A Dictionary of Contemporary Brazilian Authors*, Tempe: Center for Latin American Studies, Arizona State U, 1981.
- MEDINA, CREMILDA, “Roberto Drummond: de radical a ‘pop’ à

JOSEPH ABRAHAM LEVI

- serenidade realista”, *Minas Gerais, Suplemento Literário* (20 de Abril de 1985), 8.
- SOUSA, MARCO ANTÓNIO, “A escrita pessoalíssima de Roberto Drummond”, *Minas Gerais, Suplemento Literário* (4 de Fevereiro de 1989), 13.
- STERN, IRWIN, ed. “Drummond, Roberto”, in *Dictionary of Brazilian Literature*, Nova Iorque: Greenwood P, 1988.
- STROUN, ISABELLE, *Roberto Drummond*. Paris: Éditions L’Harmattan, 1993.
- VIEIRA, LUÍS GONZAGA, “A propósito da literatura de Roberto Drummond”, *Minas Gerais, Suplemento Literário* 26 (1992), 2-4.
- VIEIRA, NELSON H, “‘Closing the Gap’ Between High and Low: Intimations on the Brazilian Novel of the Future”, *Latin American Literary Review* 20 (40), 109-119.
- _____, “Hitler and Mengele in Brazil: The Testimony of Roberto Drummond”, *Modern Fiction Studies* 32.2 (1986), 427-438.
- _____, “Jewish Resistance and Resurgence as Literary Symbols and Metaphors for Brazilian Society and Politics”, in *Proceedings of the Ninth World Congress of Jewish Studies, Jerusalem, August 4-12, 1985, Division B, vol. 3. The History of the Jewish People. (The Modern Times)*, Jerusalém: World Union of Jewish Studies, 1986.
- _____, “Judaic Fiction in Brazil: To Be and Not to Be Jewish”, *Latin American Literary Review* 14(28), 31-45.
- _____, “Post-Holocaust Literature in Brazil: Jewish Resistance and Resurgence as Literary Metaphors for Brazilian Society and Politics”, *Modern Language Studies* 16.1 (1986), 62-70.
- _____, “Bruxaria [Witchcraft] and Espiritismo [Spiritism]: Popular Culture and Popular Religion in Contemporary Brazilian Fiction”, *Studies in Latin American Popular Culture* 15 (1996), 175-188.

Entrevistas

- PONCE, J.A. DE GRANVILLE, “Roberto Drummond”, ROBERTO DRUMMOND, *A morte de D.J. em Paris*, 1975. São Paulo: Ática, 1983.



RIBEIRO, ROSÂNGELA, “Roberto Drummond de romance novo: ‘Começou a valorização do autor brasileiro’. Roberto Drummond está com livro novo na praça: Ontem à noite era sexta-feira. ‘Comparo esse livro ao pai que casou com outra mulher’, *Minas Gerais, Suplemento Literário* 1.109 (5 de Novembro de 1988), 1, 8-10.



